

Abrindo caminhos para a leitura e a escrita: desafios de uma atividade de extensão

Opening paths for reading and writing: challenges of an extension project

Abriendo caminos para la lectura y la escritura: desafíos de una actividad extensionista

Patrícia Ândrea do Risso¹

Mariana Alves de Souza Gasparotto²

Heloisa Chalmers Sislá³

Resumo: Esse trabalho analisa o relato de uma atividade de extensão universitária voltada para a ampliação da leitura e da escrita com uma turma de crianças e adolescentes que frequentava o contraturno em uma instituição educativa conveniada à prefeitura de São Carlos, SP. São apresentados os referenciais teóricos que embasaram as propostas no que tange a alfabetização, o relato das intervenções, a sua discussão e algumas considerações finais. Parte dos obstáculos encontrados foi superada com o movimento de planejar, implementar e analisar as intervenções e, em particular, com propostas voltadas para as artes.

Palavras-chave: Leitura; Escrita; Extensão.

Abstract: This paper analyzes a report of a university extension project aimed at expanding literacy skills in a group of children and teenagers who attended an after-hour program at an educational institution in the city of São Carlos, São Paulo state, Brazil. It presents the theoretical framework that supported the interventions regarding the process of teaching and learning of reading and writing, the report of the interventions, their discussion and some final considerations. Part of the challenges faced in the process were overcome by planning, developing and evaluating the actions, in particular interventions involving the arts.

Keywords: Reading; Writing; Extension.

Resumen: Este artículo analiza un informe de un proyecto de extensión universitaria destinado a ampliar las habilidades de alfabetización en un grupo de niños y adolescentes que asistían a un programa em horário no escolar en una institución educativa en la ciudad de São Carlos, estado de São Paulo, Brasil. Presenta el marco teórico que sustentó las intervenciones sobre el proceso de enseñanza y aprendizaje de la lectoescritura, el relato de las intervenciones, su discusión y algunas consideraciones finales. Parte de los desafíos enfrentados en el proceso fueron superados mediante la planificación, desarrollo y evaluación de las acciones, en particular las intervenciones con las artes.

Palabras clave: Lectura; Escritura; Extensión.

Introdução

Este trabalho dispõe-se a analisar a atividade de extensão “Alfabetização e letramento: artes, educação ambiental e direitos humanos” que teve como foco o apoio à alfabetização de crianças e adolescentes que frequentavam o contraturno da “Casa da infância Estrela da Manhã”

¹ Universidade Federal de São Carlos

² Universidade Federal de São Carlos

³ Universidade Federal de São Carlos

(CIEM), situada em São Carlos, São Paulo. Localizada em um bairro periférico, a instituição é mantida por uma organização da sociedade civil e conveniada com a prefeitura (SÃO CARLOS, 2022). Tem por objetivo oferecer atendimento educacional na Educação Infantil (integral) e no contraturno (vespertino), o que vem fazendo desde 2002. O público-alvo da atividade de extensão objeto deste relato foi o das crianças do contraturno, que têm entre 6 e 12 anos.

A atividade de extensão vinha sendo realizada desde 2020, por demanda da CIEM, cujos educadores perceberam a grande dificuldade que as crianças do contraturno apresentavam quanto à alfabetização. A proposta visou trabalhar com todas as crianças e adolescentes e dar maior atenção àqueles que apresentavam dificuldades com a escrita e a leitura.

As atividades aqui analisadas referem-se ao terceiro ano de atividades, período de julho e dezembro de 2022, tendo se configurado através de reuniões com os membros da equipe da UFSCar e de atividades presenciais na instituição de ensino semanais com as crianças. Discutimos neste trabalho os principais desafios enfrentados no decorrer das atividades desenvolvidas, bem como as aprendizagens das graduandas frente aos desafios, pressupondo que tais desafios podem estar sendo enfrentados por outros docentes, considerando os impactos na educação do retorno às atividades presenciais após a pandemia de COVID-19.

O trabalho apresenta nas próximas seções os referenciais teóricos que embasaram as propostas, o relato das intervenções, a sua discussão e algumas considerações finais.

Referenciais teóricos

A aquisição da língua escrita é extremamente relevante considerando a sociedade em que vivemos, pois é através da escrita e da leitura que nos inserimos plenamente na vida social, que cada vez mais requer o uso da leitura e da escrita. Segundo Soares (1998), a aprendizagem da leitura e da escrita tem impactos tanto no indivíduo, em aspectos sociais, psíquicos, culturais, políticos e linguísticos, quanto numa sociedade que, antes ágrafa, com a introdução da escrita e de pessoas alfabetizadas muda sua natureza social, cultural, política e linguística.

Soares (2020) define a alfabetização como um processo de apropriação da tecnologia da escrita, com o domínio do sistema de representação que é a escrita alfabética e das normas ortográficas, em um processo de “[...] converter sons da fala em letras – escrita -, ou converter letras, ou combinação de letras, em sons da fala - leitura.” (SOARES, 2016, p. 46). Segundo ela, o sistema alfabético é um sistema de representação, que se materializa como um sistema notacional, sendo importante considerar no processo de alfabetização tanto a compreensão do

processo de construção do sistema de representação, quanto da notação com que são representados os sons da fala, e que para tal, a escrita e a leitura necessitam ser ensinadas, pois não são adquiridas espontaneamente pelos indivíduos. (SOARES, 2016).

Contudo, não basta apenas que a pessoa aprenda a converter os sons em letras ou as letras em sons, mas que tenha consciência e saiba fazer uso adequado da leitura e da escrita em seus diversos usos sociais, contemplados numa outra faceta do processo, a do letramento, voltado para a os usos da escrita em práticas sociais e pessoais, desenvolvendo assim diferentes capacidades (SOARES, 2020). Para a autora, apesar de serem processos distintos, é importante frisar que alfabetização e letramento devem ocorrer de modo articulado, para que as crianças aprendam a ler, escrever e saibam utilizar a leitura e a escrita de forma eficaz para poderem atuar plenamente como cidadãos.

Sabemos que são muitas as causas do analfabetismo no Brasil que impactam na aquisição da língua escrita. Essas causas envolvem diferentes fatores, desde os estruturais, como as desigualdades sociais, econômicas e a ausência ou limitação de políticas públicas, até os educacionais, relacionados mais especificamente às políticas educacionais, à escola e aos processos de alfabetização, âmbito no qual a atividade de extensão buscou atuar.

Na busca por metodologias que para a alfabetização, decidiu-se fazer uso das propostas do Grupo de estudos sobre educação, metodologia de pesquisa e ação (GEEMPA), iniciando pela aula-entrevista, um instrumento didático criado pelo GEEMPA, que, apoiado nas teorias pós-construtivistas, tem “como seu eixo orientador, a lógica do processo de aprendizagem do aluno e não a lógica dos conteúdos a ensinar” (GEEMPA, 2013, p. 12) baseando-se na “caracterização da rede de hipóteses dos processos de aprendizagem em cada campo conceitual” (GEEMPA, 2013, p. 12). A aula-entrevista possibilita ao professor(a) alfabetizador(a) diagnosticar o nível de aprendizagem acerca da leitura e da escrita e as hipóteses de pensamento do(a) estudante, conhecer sobre a diversidade sociocultural das crianças e propiciar um ensino condizente com o que ainda não foi aprendido (GEEMPA, 2013). A aula-entrevista é organizada em torno da proposta de 12 tarefas que envolvem escrita e leitura do próprio nome, de palavras, uma frase e um texto, assim como a verificação do conhecimento de letras do alfabeto e a classificação de unidades linguísticas.

É importante ressaltar que a configuração da aula-entrevista requer um espaço didático diferente do habitual nas escolas para sua realização, o que pode ser uma dificuldade de se conseguir. Todavia, na Estrela da manhã esse trabalho foi possibilitado tanto pela oferta do

contraturno escolar para esses estudantes, quanto pela própria estrutura da instituição e da proposta do projeto, facilitando a sua utilização.

A intervenção

A atividade de extensão aqui relatada apresentava dois objetivos, um voltado para as crianças e o segundo para graduandos do curso de Pedagogia. Quanto aos estudantes do curso de Pedagogia, o objetivo era a formação para a alfabetização e os letramentos múltiplos, articulados às artes, temática ambiental e Direitos Humanos, e para as crianças participantes, pretendeu-se que se apropriassem do sistema alfabético e ortográfico de escrita e ampliassem os usos sociais da escrita e da leitura (SISLA, 2022)

Dentre as diversas ações da atividade, o grupo realizou reuniões semanais para planejar as ações com as crianças, analisar o que vinha sendo desenvolvido e identificar as possibilidades de trabalho com os estudantes do contraturno da Estrela. Nos anos de 2020 e 2021 as atividades ações previstas foram repensadas e adaptadas de presenciais para remotas e de grupais para individuais, priorizando as crianças com mais dificuldades.

A proposta de 2022 deu continuidade ao que havia sido realizado nos anos anteriores, com os mesmos objetivos, contando com uma equipe reduzida, de apenas duas graduandas de pedagogia e a professora coordenadora. Devido a alterações no calendário da universidade, a atividade só teve início em julho, com formação das graduandas e com as crianças em agosto, quando as rotinas da CIEM já estavam estabelecidas, tendo sido necessárias adequações, como, por exemplo, termos só uma tarde por semana para realizar o trabalho.

Assim, quando iniciamos as ações com as crianças no segundo semestre, elas já tinham uma rotina bem estabelecida pelos educadores que conduziam as atividades diariamente com elas. As propostas de atividades eram feitas pelos educadores sociais, e dialogadas com as crianças, que tinham a opção de não participar, desde que para realizar alguma outra atividade compatível com a que estava sendo organizada para a turma.

Nossa dificuldade inicial foi a aproximação com as crianças, para que assim pudessemos realizar as atividades voltadas para a alfabetização. Nosso planejamento inicial foi voltado para fazer uso de práticas de letramento e assim realizar a aproximação inicial com as crianças, e nesta direção nossa primeira ação foi propor uma contação de histórias. A escolha foi do livro “Chapeuzinho amarelo” de Chico Buarque (2013), com a intenção de que com a leitura, pudessemos realizar uma conversa com as crianças, interagir e propor uma atividade de escrita.

No entanto, as crianças se recusaram, principalmente as mais velhas, na faixa etária acima dos 9 anos, alegando não gostarem de histórias, e não permitindo que lêssemos o livro.

Essa situação nos fez rever nosso planejamento e buscar por alternativas que pudessem nos aproximar dos estudantes. Recorremos às artes, o que já fazia parte da proposta da atividade de extensão. Embora o contraturno da CIEM não seja orientado pelas normativas para a Educação Básica, buscamos documentos legais e pesquisas que pudessem orientar nossas propostas. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996) já estabelecia o ensino da arte como componente curricular obrigatório na Educação Básica, o que foi corroborado pelas “Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica”, que incluiu a Arte na área de linguagens, com Língua Portuguesa, Língua Estrangeira Moderna e Educação Física (BRASIL, 2013).

Assim, analisando o que propõem os documentos, a proposta da atividade de extensão e as demandas que surgiram, verificamos que o trabalho com artes era uma alternativa pertinente para se trabalhar com as crianças, pois possibilitaria tanto a aproximação com elas, quanto trabalhar conteúdos necessários à própria formação cultural das graduandas. Desta forma, as ações foram replanejadas.

Propusemos que as crianças conhecessem um pouco sobre a função da arte, com produções que nos servem como modo de expressão, e propor a realização de um trabalho de colagem, afastando-nos de práticas escolarizadas, das quais elas já estavam saturadas e demonstravam objeção. Para analisar com elas colagens de artistas que pudessem inspirar os seus trabalhos, apresentamos duas colagens de Alfredo Volpi impressas em papel cartão. Buscamos atrair as crianças até nós e nos sentamos na mesa do pátio. Embora nem todas tenham aderido, pois participavam de outras atividades no parque, conseguimos mostrar e mediar as obras de Volpi, assim como propor a colagem. As crianças que participaram, recortaram de revistas, jornais, e folhas coloridas de papéis que disponibilizamos e escreveram os seus nomes em envelopes, que guardamos.

No terceiro encontro, com a ajuda da diretora da CIEM, conseguimos dividir as crianças em dois grupos, o que facilitou o contato com elas. Assim, novamente realizamos o que foi planejado na semana anterior, e as crianças que não haviam participado da primeira vez realizaram os recortes, e em seguida, todas produziram colagens. Ainda desta vez nem todas as crianças participaram, continuando relutantes as mais velhas.

No encontro seguinte fizemos uma nova tentativa de leitura. Iniciamos com o uso do alfabeto móvel, propondo em forma de dinâmica, o desafio de escrever algumas palavras

relacionadas ao trabalho anterior, como colagem, tesoura, cola, recorte, papel, cores, fachada e bandeirinhas. Enquanto estávamos nesta dinâmica as crianças participaram, porém quando foi pedido a elas que escolhessem um livro, dentre os disponíveis na própria CIEM, perceberam que íamos realizar a leitura e se recusaram novamente a participar, mesmo tendo sido afirmado que não realizaríamos nenhuma outra atividade que não fosse ler a história escolhida por eles.

Contudo, foi possível ouvir deles durante a dinâmica com o alfabeto, que gostariam de receber desenhos para pintar, pois na escola seus professores estavam deixando-os sem aula de artes e de educação física, como forma de castigo. Esse fato nos fez conversar e nos levou à reflexão para que novamente readequássemos as atividades e nosso planejamento, pois consideramos que poderiam estar cansados de práticas escolarizadas, nas quais não obtinham sucesso (o que é depreendido das dificuldades deles com escrita e leitura), e atividades artísticas poderiam ser alternativas positivas, já que na escola não as estavam realizando.

Assim, optamos para os próximos encontros o trabalho como tirinhas, que poderiam envolver desenhar e colorir de forma mais significativa, além do trabalho com o texto e sua relação com a imagem, característica desse gênero discursivo. Escolhemos algumas que se relacionavam com a temática do projeto, o que foi bem aceito pelas crianças, e inclusive uma das alunas se propôs a ler para as crianças a tirinha, tendo sido aceita pelos seus colegas. Parecia que finalmente havíamos encontrado um caminho. Levamos inicialmente uma tirinha do personagem Cascão, sobre a temática ambiental, em consonância com a proposta da atividade de extensão. Com a ajuda da estudante que relatou que gostaria de ler, fizemos a leitura e todos participaram, discutimos um pouco com eles sobre o assunto e em seguida pintaram o desenho.

No próximo encontro, escolhemos uma tirinha do personagem Calvin, com a temática dos direitos humanos, e complementamos essa proposta levando também duas imagens impressas relacionadas ao período da Segunda Guerra Mundial, a primeira do quadro Guernica, de Pablo Picasso, e a segunda uma foto de crianças presas na Segunda Guerra. Também levamos o livro “Declaração universal dos direitos humanos”, de Ruth Rocha e Otávio Roth (2014). Para essa atividade, iniciamos mostrando as imagens, o que impressionou muito os alunos, e possibilitou que realizássemos uma conversa muito interessante sobre os direitos humanos, explicando um pouco de como estes surgiram e para que servem. Novamente a mesma aluna se interessou em realizar a leitura, por isso pedimos que lesse o livro de Ruth Rocha para as crianças, que mais uma vez participaram e ficaram atentas. Na sequência, realizamos a leitura da tirinha, explicamos e encerramos a discussão para que colorissem.

A partir disso, seguimos com nossas intervenções participando de algumas atividades realizadas no local, como uma roda de conversa com um moçambicano que visitou a Estrela da manhã, da qual pudemos participar com as crianças e conhecer a cultura de Moçambique. Aproveitamos para usar as palavras que ele empregou e propor atividades com o alfabeto móvel.

Durante esse período também foi realizado o evento da “Casa aberta”, com o qual colaboramos, ajudando as crianças na confecção de cartazes e cartões. Após três meses, estávamos finalmente próximas das crianças. Apesar de terem ocorrido alguns imprevistos, como a falta de água no bairro ou os jogos da seleção brasileira de futebol na Copa do Mundo, conseguimos realizar as aulas-entrevistas e com elas o diagnóstico das hipóteses de escrita das crianças que nos foram indicadas com maior dificuldade em leitura e escrita. Essas aulas possibilitaram intervenções voltadas individualmente para as necessidades desses alunos. Notamos, ao analisar e comparar os relatórios individuais dessas crianças na proposta da atividade de extensão dos anos anteriores, que haviam avançado com relação à aquisição da língua escrita.

Discussão

O desafio inicial e principal, foi com relação ao objetivo do projeto, voltado à alfabetização, pois um grande número das crianças do contraturno se encontrava em atraso com relação à escrita e a leitura, considerando que a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018), documento responsável por guiar os currículos e as práticas escolares, indica que as crianças devem completar o ciclo de alfabetização até o 2º ano do Ensino Fundamental.

Outro desafio que enfrentamos inicialmente foi adequar o horário para atender às crianças, pois como iniciamos o projeto no 2º semestre de 2022, eles estavam com todas as rotinas já estabelecidas, e nos restou apenas um único dia disponível para realizarmos as ações, o que avaliamos como insuficiente.

É importante ressaltar que, por se tratar de um contraturno escolar, as crianças não eram obrigadas a participar das nossas ações, pois escolhiam de quais atividades gostariam de participar, tendo sido necessário pensar em ações para que participassem do que era proposto.

As propostas de leitura foram reiteradamente rechaçadas pelas crianças, o que nos surpreendeu e gerou uma certa frustração e nos colocou perguntas: Tem criança que não gosta de ouvir história? Por que não querem ouvir história?

E fomos investigando isso enquanto buscávamos alternativas. Em nossas reuniões semanais e estudando, foram surgindo possibilidades através de várias reflexões sobre o que as crianças iam nos contando e das pesquisas que fazíamos, acessando referências para compreender e atender a essas demandas. As ações que realizamos como os trabalhos como arte, colagens, desafios com alfabeto móvel e o uso de tirinhas, foram sendo planejadas aos poucos, sempre com o intuito de nos aproximarmos das crianças para que participassem das atividades e assim atingíssemos o nosso objetivo com relação à alfabetização.

Com relação à fala das crianças de que os professores os deixavam sem aula de artes e de educação física como forma de castigo, isso nos fez refletir sobre as razões dos professores. Supusemos que, depois de um longo período sem aula presencial, por causa da pandemia, eles estavam tentando suprir a falta das aulas presenciais e o atraso das crianças com relação aos conteúdos. Porém, retirando as aulas de educação física e de artes, nas quais as crianças poderiam se expressar, elas ficavam cada dia mais cansadas de rotinas escolarizadas, provavelmente impactando negativamente nas próprias propostas escolares, assim como naquelas oferecidas no contraturno, especialmente as que remetiam a atividades mais escolarizadas.

Por essa razão, acreditamos que foram importantes as nossas ações envolvendo o trabalho com artes, pintura e colagem, tanto para que pudessem se expressar, quanto por terem possibilitado a nossa aproximação das crianças. Conquistando a confiança deles, finalmente realizamos a leitura de um livro com as crianças identificando com essas propostas os(as) alunos(as) que apresentavam maior dificuldade na alfabetização, tendo atingido, ao menos parcialmente, nossos objetivos quanto à leitura e escrita.

Como já indicado, a atividade possuía duas frentes de objetivos, a primeira com relação à alfabetização das crianças, e a segunda com relação à formação das graduandas em pedagogia. Com relação a esta frente, percebemos que foram as adversidades que surgiram no decorrer do projeto que possibilitaram muitas aprendizagens importantes. Dentre as aprendizagens, destacamos a importância de ouvir os alunos com atenção durante todas as práticas educativas, pois a escuta pode revelar elementos importantes com relação às necessidades, características e contextos dos alunos, e que é algo essencial para ser considerado quando uma professora planeja e conduz suas aulas. Outra aprendizagem remeteu à reflexão sobre as práticas educativas que planejamos e realizamos, porque às vezes pode-se planejar algo considerado incrível, mas que naquele momento não seja oportuno, devido à turma, seu contexto ou algum motivo imprevisível. Afinal, a imprevisibilidade é inerente à ação docente, requerendo de quem

a conduz os movimentos de reflexão, tanto durante, quanto após as aulas (SCHON, 1995). Daí a importância de que professores(as) estejam sempre dispostas a estudar, planejar e replanejar quantas vezes isso for necessário, e sempre estarem abertos(as) para novas aprendizagens, a cada fala dos(as) estudantes, a cada nova reflexão, pois foi isso que fez com que pudéssemos sair relativamente satisfeitas do projeto.

Sabemos que na Educação Infantil as crianças estão constantemente em contato com a arte, realizando pinturas, dança, canto e teatro, o que nos fez pensar no porquê presenciamos a desvalorização das artes no Ensino Fundamental, mesmo com sua previsão legal (BRASIL, 1996; 2013). Segundo Iavelberg (2014), há despreparo dos professores, seja na formação inicial ou na continuada, bem como falta de infraestrutura da escola, resultando em uma desarticulação entre as diretrizes estabelecidas para o ensino de artes e a prática na sala de aula. Ela coloca que a grande maioria dos professores que ensinam artes, 94,6%, não tem formação na área (IAVELBERG, 2014) e que no 1º ao 5º ano, salvo exceções, os professores polivalentes lecionam todas as disciplinas e priorizam os componentes incluídos nas avaliações externas, Língua Portuguesa e Matemática, sobre os quais incidem essas avaliações (IAVELBERG, 2014).

Para a autora, essa desarticulação entre prática e teoria, tão prejudicial à formação das crianças, poderia ser diminuída com a melhoria da formação docente e da infraestrutura das escolas, o que seria um importante passo para possibilitar que houvesse “uma ponte entre a escola e a vida em sociedade e dando ao aluno uma visão de si como ser histórico, criador que se reconhece na sociedade em que vive” (IAVELBERG, 2014, p.55).

Consideramos, com nossas experiências e reflexões, que a arte foi um importante caminho para que estabelecêssemos uma relação de confiança com as crianças, e para que elas pudessem se expressar através dela, discutir temáticas relevantes e ampliar sua cultura artística e histórica.

Notamos ainda que o trabalho com as tirinhas foi produtivo para articular a alfabetização e o letramento, mesclando linguagem verbal e não verbal. Por seu caráter lúdico, as tiras atraíram as crianças e possibilitaram o sucesso das nossas atividades, o que nos fez refletir que não é necessário que seja sempre uma leitura extensa para se configurar uma prática de letramento, e há muitos gêneros textuais que podemos usar para este fim, buscando como parâmetro, diante das adversidades, considerar o contexto e a intenção da prática educativa de acordo com as especificidades dos grupos.

Para finalizar, o projeto mostrou o quanto a criação de vínculos com os estudantes é fundamental. Freire (1998) discute alguns elementos desta relação que podemos vivenciar na condução das ações: o estabelecimento de uma relação respeitosa com os alunos, a escuta, abertura para os diálogos e a reflexão crítica sobre a prática. Foi apenas a partir desses saberes desenvolvidos na atividade de extensão que conseguimos realizar a proposta principal do projeto, de trabalhar a escrita e a leitura com as crianças.

Considerações finais

Analisando as ações realizadas durante o projeto de extensão, podemos afirmar que foram as adversidades que surgiram no decorrer do projeto, que nos possibilitaram diversas aprendizagens, dentre elas, a importância de ouvir os alunos com atenção, pois a escuta atenta às falas das crianças foi capaz de revelar fatores significativos, com relação às necessidades, características e contextos dos alunos, e isso foi fundamental na condução das ações.

Pudemos reconhecer a importância de conhecer a realidade do aluno e refletirmos constantemente sobre as práticas planejadas e realizadas com os estudantes, entendendo que cada turma de alunos possui um contexto e uma realidade própria, e, deste modo, cada prática pode apresentar resultados diferentes, dependendo dos contextos. Isso nos coloca que os educadores devem estar sempre dispostos a estudar, planejar e replanejar sempre que necessário, em um constante movimento, com o foco na aprendizagem do aluno.

Notou-se que arte tem um grande potencial na Educação Básica, inclusive sendo possível utilizá-la até mesmo em práticas de letramento, pois é de extrema importância que as crianças, assim como está estabelecido na Lei de diretrizes e bases da Educação Nacional e nas Diretrizes Curriculares Nacional para Educação Básica, tenham contato com diversas formas artísticas.

Observou-se também a possibilidade de se trabalhar com diferentes gêneros discursivos na alfabetização em práticas de letramento, sendo possível até mesmo incluir gêneros como as tirinhas, desde que se considere o contexto e a intenção da prática educativa.

Por fim, podemos afirmar que todos esses fatores foram os responsáveis pela criação de vínculos com as crianças, e isso foi muito importante para a realização das ações e a participação dos alunos, possibilitando chegarmos ao final do projeto com consideráveis avanços na aprendizagem dos estudantes e relativamente satisfeitas.

Referências

- BRASIL. Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Diário Oficial da União**: p. 27833, Brasília, 23.dez.1996. Acesso em: 24 maio 2023.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretária de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica**. Brasília: MEC/SEB, 2013. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/expansao-da-rede-federal/323-secretarias-112877938/orgaos-vinculados-82187207/12992-diretrizes-para-a-educacao-basica>. Acesso em: 24 maio 2023.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Secretaria de Educação BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 20 setembro 2022.
- BUARQUE, C. **Chapeuzinho amarelo**. Ilustrações Ziraldo. Rio de Janeiro: José Olympio, 2013.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1998.
- GRUPO DE ESTUDOS SOBRE EDUCAÇÃO, METODOLOGIA DE PESQUISA E AÇÃO (GEEMPA). **Aula-entrevista**: caracterização do processo rumo à escrita e à leitura. Porto Alegre: GEEMPA, 2013.
- IAVELBERG, R. O ensino de arte na educação brasileira. **Revista USP**, São Paulo, n. 100, p. 47-56, 2014. DOI: 10.11606/issn.2316-9036.v0i100p47-56. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/76165>. Acesso em: 24 maio 2023.
- ROCHA, R. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. Ilustrações Otávio Roth. São Paulo: Salamandra, 2014.
- SÃO CARLOS. Prefeitura Municipal. **Plano de trabalho**, 2022. Disponível em: <http://www.saocarlos.sp.gov.br/index.php/entidades-conveniadas/convenios-atuais/154950-amigos-de-sao-judas-tadeu-asjt.html>. Acesso em: 22 nov. 2022.
- SCHÖN, D. Formar professores como profissionais reflexivos. *In*: NÓVOA, A. **Os professores e sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1995. p. 77-92.
- SISLA, H. C. **Alfabetização e letramento**: artes, educação ambiental e direitos humanos. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2022. (Proposta submetida ao edital da Pró-Reitoria de Extensão (ProEx/UFSCar), do Programa de Integração das atividades acadêmicas e de extensão da pedagogia (PIAAEP)).
- SOARES, M. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.
- SOARES, M. **Alfabetização**: a questão dos métodos. São Paulo: Contexto, 2016.
- SOARES, M. **Alfabetizar**: toda criança pode aprender a ler e a escrever. São Paulo: Contexto, 2020.

Sobre as autoras

Patrícia Ândrea do Risso: Pedagoga (Universidade Federal de São Carlos).
E-mail: patricia.risso@outlook.com

Mariana Alves de Souza Gasparotto: graduanda em Pedagogia (Universidade Federal de São Carlos).
E-mail: marianagasparotto@hotmail.com

Heloisa Chalmers Sisle: Pedagoga (Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo), com mestrado em Educação em Museu (Bank Street College of Education) e doutorado em Educação Escolar (Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – Araraquara). É professora do Departamento de Teorias e Práticas Pedagógicas e do Programa de Pós-graduação Profissional em Educação, da Universidade Federal de São Carlos, com atuação nas áreas de ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa (anos iniciais do Ensino Fundamental), alfabetização, letramento e estágio supervisionado em alfabetização e Língua Portuguesa. Suas pesquisas versam sobre alfabetização e letramento, formação de professores, educação ambiental e educação domiciliar.
E-mail: heloisasisla@gmail.com

Recebido em: 28 jul. 2023

Aprovado em: 29 mar. 2024